

Ministério catequético – Perfil teológico e atribuições práticas

Gottfried Brakemeier

Resumo: O ministério catequético é um dos mais antigos na história da Igreja. Na IECLB, passou a integrar um dos ministérios ordenados. O presente estudo busca as raízes bíblicas e confessionais da catequese, tentando traçar o perfil específico desse serviço no corpo de Cristo. No conjunto dos demais ministérios, o catequético possui atribuições relevantes justamente no contexto da sociedade multicultural de nossos tempos. O reavivamento da catequese é necessidade da Igreja de Jesus Cristo no Brasil, assim como as realidades deste nosso país representam desafio à catequese. As reflexões teológicas aqui apresentadas conduzem a algumas sugestões práticas, referentes ao exercício deste ministério.

Resumen: El ministerio catequético es uno de los más antiguos en la historia de la Iglesia. En la IECLB, pasó a formar parte de los ministerios ordenados. El presente estudio busca las raíces bíblicas y confesionales de la catequesis, intentando trazar el perfil específico de ese servicio en el cuerpo de Cristo. En el conjunto de los demás ministerios, el catequético posee atribuciones relevantes justamente en el contexto de la sociedad multicultural de nuestro tiempo. El reavivamiento de la catequesis es necesidad de la iglesia de Jesús Cristo en Brasil, así como las realidades de este, nuestro país, representan desafío a la catequesis. Las reflexiones teológicas aquí expuestas conducen a algunas sugerencias prácticas, referentes al ejercicio de este ministerio.

Abstract: The catechetical ministry is one of the oldest ministries in the church. In the Evangelical Church of the Lutheran Confession in Brazil, it became one of the ordained ministries. This article traces the biblical and confessional roots of catechesis and describes the specific profile of this service in the body of Christ. Along with the other ministries, the catechetical ministry has relevant tasks precisely in the present context of a multicultural society. A revival of the catechetical ministry is necessary for the Church of Jesus Christ in Brazil, just as our country's reality represents a challenge for catechesis. The author's theological reflections lead to some practical suggestions related to the exercise of this ministry.

Introdução

1. A IECLB, ao incorporar o ministério catequético no ministério ordenado, deu um passo corajoso e até mesmo programático. Declarou ser o catecumenato constitutivo da Igreja cristã e, por isto, digno de ser gerido por um ministério com a autoridade do “ensino público”, muito de acordo com o que prevê o Art. XIV da Confissão de Augsburg. Recebeu forte destaque, pois, a importância da educação cristã, nesse exato momento histórico-religioso da América Latina. É claro que a ordenação amplia os deveres e direitos dos e das catequistas. As atribuições receberão regulamentação no novo Estatuto do Ministério Ordenado a ser votado em Concílio Geral¹, requerendo da IECLB um cuidado peculiar para com a formação teológica desses obreiros e obreiras e a definição dos respectivos campos de trabalho.

2. Ainda que o ministério ordenado seja somente um, ele se desdobra, no entender da IECLB, em variantes a serem, a um só tempo, conjugadas e diferenciadas. A todo ministério ordenado são comuns a responsabilidade e o zelo pela confessionalidade da Igreja. Por isto, enquanto ordenados e ordenadas, também os e as catequistas, no exercício de suas funções, já não mais poderão falar em qualidade apenas individual. Deverão ser capazes de fazê-lo em qualidade “oficial”, articulando a posição da Igreja. Aliás, na Igreja Evangélico-Luterana o magistério eclesiástico cabe a duas instâncias, a saber, à comunidade, representada por assembleias, sínodos, concílios, e ao ministério ordenado². Desde o Concílio Geral de Pelotas, em 1992, o ministério catequético compartilha desse magistério. E há boas razões para tanto; pois a responsabilidade teológica de um professor na aula de ensino religioso não é em nada inferior à de um pastor no púlpito, no templo. A decisão de ordenar também catequistas é coerente com essa realidade.

3. Mas no que consiste a especificidade desse ministério? A resolução de Pelotas não pretendia, de forma alguma, nivelar os ministérios na Igreja e reforçar eventuais tendências à clericalização. Ela insere o ministério catequético na visão do ministério compartilhado. De acordo com esta, o ministério eclesiástico de que fala o Art. V da Confissão de Augsburg é multiforme. O Espírito Santo desperta diversidade de dons e serviços na comunidade, muitos dos quais deverão ser estruturados e organizados em mi-

1 Veja Martin VOLKMANN, Gottfried BRAKEMEIER, Estatuto do Exercício Público do Ministério Eclesiástico, *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 41, n. 1, p. 5-18, 2000.

2 Quanto ao todo, Gottfried BRAKEMEIER, Teses referentes à compreensão de ministério na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 35, p. 117-123, 1995.

nistérios. Mas ele não confunde. A despeito de responsabilidades comuns, há “identidades ministeriais” a preservar. É o que será o objeto de minhas reflexões a seguir, com o que, assim penso, vou ao encontro das expectativas dirigidas a mim por este contexto. Não sou especialista em assuntos de “educação cristã”. A minha atenção será dirigida ao *ministério* catequético. É óbvio que não poderei evitar algumas incursões no universo desta área da teologia prática. Mas concentrar-me-ei no que poderia ser o perfil do “catequista de confissão luterana no Brasil”. Então: catequista – o que é e para que serve?

A. Bases bíblico-teológicas

1. Os termos “catequese”, “catecumenato”, “catequista” etc. são derivados etimologicamente do verbo grego *katechein*, que significa “soar de cima”. Referia-se originalmente à voz do ator no teatro. Assumi depois o significado de “dar notícia”, “informar”, “instruir”. É nessa acepção que aparece também no Novo Testamento. Lucas dedica sua obra a Teófilo, para que este tenha plena certeza da verdade em que foi instruído, ou seja “catequizado” (Lc 1.4). É verdade que o termo era pouco usual no grego clássico. Nem mesmo a tradução grega do Antigo Testamento, a LXX, o conhece. Na tradição estoica se encontra às vezes a expressão *katechesis* (catequese). No mais, as ocorrências são poucas. Foi o apóstolo Paulo que acolheu este termo para com ele designar o “ensinamento cristão”. Trata-se da instrução na palavra do evangelho que cabe a um “catequista” e que se destina a um “catecúmeno” (Gl 6.1)³.

2. E no entanto, a função não se prende ao vocábulo. O catequista é professor, *didaskalos*⁴, e o catecúmeno é aluno, *matetes*⁵. Ensinar o evangelho, ou seja, “ser mestre” cristão, é arrolado por Paulo entre os dons do Espírito Santo (1 Co 12.28). Em Ef 4.11, os “doutores” (*didaskaloi*) são mencionados ao lado dos pastores, em At 13.1 ao lado dos profetas. Tudo faz crer que nas comunidades de Paulo, e provavelmente também além delas, os “professores” constituíam um grupo de obreiros à parte de outros. O título indica ter havido um “ministério”, cujo exercício exigia competência. Os “mestres”

3 Hermann Wolfgang BEYER, Verbete *katechein*, *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. v III, Stuttgart: Kohlhammer, 1938, p. 638-640.

4 Eckart SCHWERIN, Verbete *Katechet*, in: *Evangelisches Kirchenlexikon*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1989, v. 2, col. 975-977; Karl Heinrich RENGSTORF, Verbete *didasko*, in: *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, Stuttgart: Kohlhammer, 1935, v. II, p. 138-167.

5 Karl Heinrich RENGSTORF, Verbete *mantano*, in: *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, Stuttgart: Kohlhammer, 1942, v. IV, p. 392-465.

eram uma instituição da primeira cristandade, mostrando à sua maneira ser a catequese uma função original da Igreja cristã.

3. Essa função se inspira na atividade docente do próprio Jesus, que, à semelhança dos rabinos de sua época, congrega um grupo de discípulos em torno de si. É freqüente Jesus ser intitulado “mestre” (*didaskalos* – Mt 8.19; Mc 10.17; Lc 9.38; etc.). Ele possui uma “doutrina” (*didache*) que chama a atenção e até espanta (Mc 1.22; etc.). Jesus ensina seus discípulos, a multidão (Mt 5.1s), seus adversários (Mt 22.16), ensina nas sinagogas (Mt 4.23), à margem do mar da Galiléia (Mc 4.1), nas mais diversas oportunidades. Ele é visto como intérprete da lei e da santa vontade de Deus⁶. Suas parábolas têm objetivos pedagógicos. Querem provocar juízos. Os sinais que acompanham seu discurso comprovam sua autoridade, como lhe atesta expressamente Nicodemos (Jo 3.2). E todavia, Jesus é mais do que um simples instrutor. No dizer do Evangelho de João, ele tem palavras da vida eterna (Jo 6.68). Como mestre, Jesus é salvador, diácono, pastor. A comunidade cristã o celebra como Cristo e Senhor (*kyrios*). Jesus tem mais a oferecer do que doutrina. Oferece salvação. E apesar disso, permanece significativo que em Jesus encontremos também doutrina. Em sua qualidade de Cristo, ele não deixa de ser mestre.

4. Algo análogo vale para os discípulos. São aprendizes, alunos, têm em Jesus Cristo seu mestre. Mas seu *status* ultrapassa o de simples estudantes. Recebem de Jesus não só ensinamentos. Recebem dele o perdão dos pecados e a promessa de vida eterna. Percebem nele a revelação do amor de Deus, chegando para resgatar a criatura. Quem busca em Jesus tão-somente sabedoria e instrução ainda não descobriu sua identidade. Seguindo Jesus, acompanhado-o em sua trajetória, vendo seus gestos, ouvindo sua prédica e assistindo aos eventos de Sexta-Feira Santa e de Páscoa, os discípulos são vocacionados para serem testemunhas (At 1.8; 1 Jo 1.1; etc.). O mestre Jesus requer nada menos do que a fé. Mas novamente cabe sublinhar que essa fé não se resume a um mero entusiasmo religioso. A aprendizagem é o ingrediente constitutivo da existência cristã. Por isto, a vida cristã pode até mesmo ser resumida em discipulado, como acontece nos quatro evangelhos e no livro dos Atos. Sem discipulado, ela terá sua natureza prejudicada. Exatamente por isto, o objetivo da missão consiste em “fazer discípulos” a todas as nações (Mt 28.18s).

6 Cf. entre outros Leonhard GOPPELT, *Teologia do Novo Testamento*, São Leopoldo: Sinodal, 1976, v. 1.

5. Coerentemente, a primeira cristandade elabora formas primitivas de catecismos. Estes consistem em formulações concisas da fé, a exemplo do credo transmitido por Paulo aos membros da comunidade de Corinto (1 Co 15.3-5). Existe uma tradição a preservar⁷, imperativo este que se acentua à medida que o tempo vai avançando e afastando as comunidades de suas origens históricas. A preocupação está em particular evidência nas Cartas Pastorais (1 e 2 Tm; Tito). Na ótica dessas cartas, o apóstolo Paulo é o exemplo do mestre a seguir (1 Tm 2.7; etc.). Mas também os evangelistas escrevem com a intenção de manter viva a tradição. E já muito cedo vai ser redigido o primeiro grande catecismo com o título “Didaquê” ou “Doutrina dos Apóstolos”⁸. A catequese quer passar adiante a fé, de uma geração à outra.

6. Registre-se que na primeira cristandade o conteúdo da catequese não se esgotava em matéria dogmática. O ensino ético era de igual importância. Com respeito a Apolo, lemos em At 18.24s que era varão eloquente e poderoso nas Escrituras, instruído (“catequizado”) no caminho do Senhor, ou seja, na conduta cristã. Algo semelhante pode-se depreender de Hb 6.1. Ali se resume o currículo da antiga catequese tanto em tópicos doutrinários, a exemplo da fé em Deus, da cristologia, dos sacramentos, da escatologia e outros, quanto de renúncia às obras mortas e apropriação do estilo cristão de vida. A catequese pretende a aprendizagem da fé, da esperança e do amor. Nesses termos, Agostinho definiu os objetivos da mesma em sua famosa obra *De catechisandis rudibus*. A catequese não se dá por satisfeita com a mera informação religiosa. Ela certamente não produz a fé. Coloca-se a serviço da maturação da mesma. Ainda que não possa abrir mão da transmissão e assimilação de conteúdos, a exemplo de passagens bíblicas, credos, orações, fórmulas litúrgicas e outras, tem em vista uma prática. Consiste na iniciação num modo de ser e de viver.

7. Nos inícios da Igreja cristã, a catequese antecedia o batismo e o preparava. Distinguiam-se os catecúmenos dos batizados. Somente estes eram considerados membros plenos da comunidade. O catecumenato, portanto, representava um estágio na vida do crente que encerrava com o batismo. Mesmo assim, observam-se muito cedo indícios de um catecumenato para batizados. No Novo Testamento devem ser lembradas as parêneses. Têm em vista predominantemente pessoas que já se submeteram ao batismo e que

7 Jürgen ROLOFF, *Kirchliches Lehren nach dem Neuen Testament*, in: Hermann BRANDT (ed.), *Kirchliches Lehren in ökumenischer Verpflichtung*, Stuttgart: Calwer, 1985, p. 91-101.

8 Veja Urbano ZILLES (ed.), *Didaquê – catecismo dos primeiros cristãos*, Petrópolis: Vozes, 1970.

precisam comprovar a fé no cotidiano. É claro que o catecumenato é jogado numa crise mediante a implantação gradativa do batismo de infantes. Isto acontece a partir do segundo século da nossa era. O catecumenato agora segue ao batismo, e mais tarde vai preparar o crisma, ou seja, a confirmação. A mudança, porém, acarretou dificuldades que prejudicaram o catecumenato e lhe exigiram uma redefinição. Na Idade Média, a catequese individual caiu em desuso. Somente a Reforma e, por ela, o Concílio de Trento, iriam reavivar a atividade catequética da Igreja.

8. O grupo dos “mestres” (*didaskaloi*), que nas primeiras comunidades estavam incumbidos da catequese, constituem o paradigma dos e das catequistas. Mas não tiveram sucessores diretos. Suas funções já muito cedo foram absorvidas por outros ministérios, especialmente o dos “bispos”. O “ministério docente” seria função episcopal. Cipriano fala de mestres/presbíteros. O exercício do magistério não equivalia a um ministério. Orígenes, destacado teólogo e professor do século III na cidade de Alexandria, sofria sob o fato de não ser reconhecido como titular de um ministério⁹. A Igreja cristã teve dificuldades em estruturar o ministério catequético e em atribuir o exercício do mesmo a uma categoria profissional própria. A instituição de catequistas como ministério distinto vai acontecer no protestantismo somente no século XX, antes da II Guerra Mundial, sob o impacto da secularização e da diminuição da influência cristã na sociedade. A despeito da importância fundamental da catequese, nunca negada na história da Igreja, a definição do *ministério* catequético tem sido um processo demorado. As causas mereciam um estudo à parte, impossível de ser oferecido neste espaço.

9. O retrospecto sobre o Novo Testamento e a Igreja das origens permite fazer algumas observações fundamentais:

a. Jamais houve comunidade cristã sem catequese. Para tanto é responsável o próprio evangelho, que, a um só tempo, quer ser crido, entendido e vivido. Existe uma doutrina a ser aprendida e uma história a ser contada. Portanto, as pessoas precisam ser instruídas na fé. Como salvador, Jesus não deixa de ser educador. Sua mensagem pretende ser assimilada e pautar a vida das pessoas em todas as suas dimensões. O exercício da fé cristã exige a educação, ou seja, o discipulado.

b. Quanto aos objetivos da catequese, a primeira cristandade não deixa dúvidas. Consistem (1) em educação na fé, (2) na inserção na vida comunitária e (3) no comprometimento com a conduta cristã. A fé tem suas ra-

⁹ Cf. Georg KRETSCHMAR, *Verbete Katechumenat/Katechumenen*, in: *Theologische Realenzyklopädie*, Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1989, v. 18, p. 2.

zões, seus fundamentos, seu porquê. Busca o intelecto e necessita de teologia. A catequese visa a formação teológica das pessoas e da comunidade. Da mesma forma, ela procura familiarizar as pessoas com os costumes da comunidade e a prática da fé. Prepara para receber o sacramento ou para traduzi-lo em vivência. Introduce na espiritualidade da Igreja, aguçando, enfim, as consciências e habilitando as pessoas para a opção em favor de um estilo de vida condizente com a vontade de Deus.

c. Embora o Novo Testamento não ofereça um modelo elaborado de “ministério catequético”, ele incumbe a Igreja cristã do atendimento dos imperativos resultantes do catecumenato. Qual a melhor maneira de fazê-lo? Pode a Igreja cumprir esse mandato sem obreiros especializados na área? É uma pergunta particularmente pertinente para a Igreja evangélico-luterana. É com isso que vamos nos ocupar a seguir.

B. Catecumenato em perspectiva luterana

1. A Reforma do século XVI preconizou o sacerdócio de todos os crentes e, com isto, o ideal da “comunidade adulta”. Todo membro deveria estar em condições de responder pela sua fé, já não mais estando dependente de monitoria alheia. Obviamente, é ilusório perseguir tal objetivo sem uma boa catequese. A vivência do sacerdócio exige o preparo do membro, a formação em assuntos de fé, a emancipação das pessoas batizadas de uma tutela religiosa indevida. Por isto mesmo, a catequese não permite ser concebida como uma etapa na vida cristã a ser vencida e deixada para trás. Só faz sentido como exercício permanente. Resulta daí uma forte insistência na catequese dentro da Igreja luterana¹⁰. Ela é reflexo de uma concepção eclesiológica próxima daquela que vê a comunidade como um conjunto de discípulos e discípulas. Por isto mesmo, a formação teológica não pode ser vista como privilégio de uma elite cristã. É necessidade e direito de toda pessoa cristã. Descuido com relação à catequese trai a confessionalidade luterana e aniquila a comunidade por falta de abastecimento espiritual.

2. A ênfase no catecumenato permanente não anula, evidentemente, a necessidade de especialistas, respectivamente de um ministério catequético. Por um lado, pode-se falar tranqüilamente de um catecumenato geral de todos os crentes, implicando a obrigação de sempre, e a um só tempo, ensinar e aprender. A catequese é uma atribuição tanto ativa quanto passiva de toda

¹⁰ É o que inspirou a proposta do Catecumenato Permanente na IECLB nos anos 70. Germano BURGER, *Quem assume esta tarefa?* São Leopoldo: Sinodal, 1977, p. 87-106; e os comentários em Martin VOLKMANN, Martin REUSCH et al., *Catecumenato permanente – um desafio que permanece*, *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 34, p. 205-261, 1994.

a Igreja e de todos os seus membros. Mesmo assim, ou justamente por isto, há necessidade de capacitar e vocacionar pessoas para o “ensino público”. A catequese requer a estrutura de um ministério. Também na Igreja luterana este ministério permaneceu, por tempo demasiado, preso ao ministério pastoral e episcopal. E, no entanto, o dever de devotar especial carinho à educação cristã está colocado no berço da Igreja luterana. A catequese é atribuição do sacerdócio geral e de um ministério específico.

3. O exemplo do próprio Lutero o demonstra. Ele se empenhou na renovação da catequese, merecendo ser lembradas particularmente as seguintes iniciativas:

Lutero exigiu da autoridade secular de seu tempo uma substancial reforma do ensino. Entendeu ser dever da autoridade civil criar escolas e proporcionar aos cidadãos um máximo de formação e educação. Exortou os pais a mandar as crianças para a escola. A catequese como atividade da Igreja não substitui a educação devida pelo Estado à população, antes se insere no esforço pedagógico geral da sociedade. Isto significa que a educação não é vista nem como privilégio nem como monopólio cristão¹¹.

Lutero traduziu a Bíblia para o vernáculo. Quis que toda pessoa tivesse acesso direto à fonte da fé, o que, aliás, pressupõe a alfabetização. A leitura da Bíblia como uma forma de “auto-catequese” constitui um passo imprescindível no processo de aquisição da maioria do indivíduo em termos de fé e de conduta.

Lutero redigiu catecismos. Ele deplorava a ignorância religiosa de seu tempo¹² e procurou fazer frente a ela mediante a compilação dos principais conteúdos da fé, que são os Dez Mandamentos, o Credo, a oração do Pai-Nosso e os dois sacramentos, batismo e santa ceia. É significativo que Lutero não somente transcreva textos para memorizar. Ele os explica. Além de pastores e pregadores, quer motivar também os chefes de família a instruir as pessoas. Os catecismos de Lutero são belos documentos do catecumenato permanente¹³.

11 Remetemos para Martin VOLKMANN, Lutero e a Educação, in: Martin DREHER (org.), *Reflexões em torno de Lutero*, São Leopoldo: Sinodal, 1984, v. II, p. 93-106; Lothar HOCH, Impulsos da Reforma Luterana para a atuação da IECLB na área da Educação, in: id., *ibid.*, p. 107-120; Nestor BECK, Lutero e a Educação, *Igreja Luterana*, Porto Alegre, v. 3-4, p. 38-61, 1984.

12 Marc LIENHARD, *Martim Lutero – tempo, vida e mensagem*, São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1998, p. 177-181.

13 Veja Albérico BAESKE, Introdução ao Catecismo, in: Nelson KILPP (org.), *Proclamar Libertação: Suplemento 1, Catecismo Menor de Lutero*, São Leopoldo: Sinodal, 1982, p. 6-15; Klaus WEGENAST, *Verbete Katechese*, in: *Evangelisches Kirchenlexikon*, 3. ed., Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1989, v. 2, col. 976; Alfred MÜLLER, *Grundriss der Praktischen Theologie*, Gütersloh: Bertelsmann, 1950, p. 219s.

4. O estudo da teologia de Lutero mostra ser impossível separar, em termos precisos, a pregação, o ensino, o serviço e outras atividades eclesiais. Os catecismos, por exemplo, nasceram das prédicas de Lutero. Por isto querem servir não só para a instrução. Querem ser usados também como textos da homilia. Há algo que une os afazeres da Igreja e que não permite o divórcio entre eles. Assim como o ensino não dispensa o testemunho, da mesma maneira este não deve desprezar a pedagogia. E tudo é serviço, buscando a cura do ser humano. Quando se trata dos dons do Espírito Santo, toda “especialização” tem limites. Os ministérios não devem ser apartados ou isolados. Todavia, tampouco devem ser confundidos.

Vale lembrar que Lutero se entendeu não só como pastor e pregador. Foi professor de alto gabarito e assumiu essa identidade, como o fizeram também Melancthon e outros companheiros seus. Lutero foi um grande catequista. A cátedra e o púlpito andam juntos, embora não devam ser misturados.

5. A catequese é transparente não só para uma eclesiologia; ela também se fundamenta numa determinada antropologia. Também isto está em grande evidência em Lutero. Juntamente com a reforma do ensino, Lutero apresenta uma série de sugestões pedagógicas que libertam o ensino da mera “decoreba” e pretendem a alegria no estudo. Recomenda-se uma pesquisa sobre as inovações pedagógicas e didáticas propostas por Lutero em seu tempo¹⁴. De qualquer maneira, o Catecismo Menor com o seu estilo dialógico mostra que a pessoa educanda é, para Lutero, mais do que um recipiente no qual se despejam os conteúdos¹⁵. Por mais importantes que estes sejam, decisivo é que a pessoa seja capacitada para o juízo próprio das coisas e o testemunho autônomo. Assim também o professor e a professora: se as respostas do catecismo não forem suficientes, deve ele ou ela mesmo/a expor as razões da fé.

6. De resto, constate-se que também para a catequese luterana não se coloca a alternativa entre transmissão de tradição e educação para a vida. A catequese naturalmente procura moldar a personalidade e conduzir a uma vivência capaz de responder aos desafios do presente, de acordo com os princípios cristãos. Isto se condiciona ao conhecimento da tradição cristã e mesmo confessional. É daí que resultam os critérios de fé e conduta. A reflexão crítica necessita do confronto entre tradição e contexto, história e pre-

14 Yoshikazu TOKUZEN, *Pädagogik bei Luther*, in: Helmar JUNGHANS (ed.), *Leben und Werk Martin Luthers von 1526 bis 1546*, 2. ed., Berlin: Ev. Verlagsanstalt, 1985, v. 1, p. 323-330.

15 M. LIENHARD, op. cit., p. 179.

sente, herança histórica e projeto futuro. Sem memorização de um mínimo de conhecimentos bíblicos, por exemplo, é difícil imaginar responsabilização pela fé. Da mesma forma, porém, somente os conteúdos cognitivos, sem referência ao mundo experimental das pessoas, pouco efeito prometem. Também neste caso o bom equilíbrio evitará os impasses.

C. Catequese hoje – algumas conceituações

1. A partir do exposto, está claro que “catequese” é um termo teológico de conotação eclesiológica. Ele não tem equivalente secular. Dá expressão à peculiaridade da educação na esfera eclesiástica¹⁶. Diz respeito à atuação pedagógica e formativa da Igreja. É ensino religioso, mas não de qualquer matiz. É ensino religioso específico, “ensino cristão”, com conteúdos e objetivos peculiares. Assim como a pregação do evangelho e a diaconia à pessoa necessitada, também a catequese constitui atividade essencial para a comunidade de Jesus Cristo, sem a qual ela deixa de ser o que é.

2. Poder-se-ia dizer, então, que catequese é “educação cristã”? Ora, não há como contestar tal afirmação. São fortes as afinidades. Mas novamente não há uma identidade. Se entendermos a educação cristã como sendo uma “educação com compromisso cristão”, como o diz Matthias Preiswerk, ela é uma atividade bem mais ampla e abrangente do que a práxis catequética. A educação cristã se configura, sob esse ângulo, como uma educação pautada por princípios cristãos e conduzida no espírito cristão, mesmo quando não ocupada com assuntos bíblicos, confessionais ou religiosos. A catequese sempre implica educação cristã, mas nem toda educação cristã tem forma catequética. Também neste caso recomenda-se distinguir, sem ignorar o estreito vínculo que une a ambas. De fato, “educação cristã transcende o âmbito de uma comunidade”¹⁷. Reside nisto certo consenso com teólogos católicos, a exemplo de Casiano Floristan, ao constatar que “a ‘educação cristã da fé é uma tarefa mais ampla do que a simples catequese”.

3. Essas considerações forçosamente colocam em pauta a relação entre catequese e missão. O assunto é polêmico. Pois não raro o ensino cristão, principalmente aquele ministrado em escolas confessionais, é visto

16 Karl HAUSCHILD, *Verbete Katechumenat/Katechumenen*, in: *Theologische Realenzyklopädie*, Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1989, v. 18, p. 5; cf. também Jürgen HENKYS, *Die Unterweisung*, in: *Handbuch der Praktischen Theologie*, Berlin: Ev. Verlagsanstalt, 1977, v. III, p. 30-32.

17 Danilo STRECK, Manfredo C. WACHS, *Educação Cristã*, in: Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT (org.), *Teologia Prática no contexto da América Latina*, São Leopoldo: Sinodal / São Paulo: ASTE, 1998, p. 246.

como instrumento de propaganda eclesial e de aumento da membresia. Verdade é que uma Igreja sem catequese não terá força para desenvolver iniciativa missionária. Ainda assim, importa não confundir. A catequese, muito à semelhança de qualquer outro ensino, não permite ser instrumentalizada para fins alheios. Ela se perverte quando pretende “doutrinar” ou aliciar pessoas. Como visto acima, seu objetivo legítimo consiste na iniciação na vida da comunidade. Isto é outra coisa do que conversão da pessoa¹⁸. Aquela é prioritária, sendo esta, possivelmente, consequência. Seja enfatizado que a catequese tornar-se-á irrelevante sem o “testemunho” dos mestres. Ensino religioso sem comprometimento e sem identificação com a causa não convence. No entanto, este testemunho jamais permite violar a liberdade dos catecúmenos. O testemunho cristão autêntico tem natureza convidativa, participativa, mas não viola a liberdade do outro. Para a Igreja Católica, a catequese é parte da “evangelização”¹⁹. Também a Igreja Luterana afirma a natureza missionária da catequese, mas antes como habilitação do povo cristão para a obra missionária na sociedade, a ser realizada por ele mesmo. A catequese é instrumento para alimentar e desenvolver o sacerdócio dos crentes.

4. A catequese se realiza predominantemente em três ambientes: a casa, a escola e a comunidade. Cada um desses lugares merece especial atenção:

Ninguém pode substituir os pais na tarefa da iniciação das crianças na espiritualidade cristã. Levando os bebês ao batismo, pais, padrinhos e comunidade assumem um compromisso catequético. Prometem educar a criança na fé cristã. O lar é o primeiro “contexto educacional” das pessoas. Na atualidade, os pais se sentem cada vez mais despreparados para se desincumbirem da tarefa. Incide negativamente, ainda, a flagrante crise em que se encontra a família na sociedade moderna. Eis por que a Igreja deve achar meios de motivar e habilitar os pais para essa sua função, através de conversas batismais, material didático e programações especiais.

Numa sociedade multicultural e pluri-religiosa, a escola pública, e mesmo a confessional, não podem assumir um compromisso catequético. Não obstante, o governo, em comum acordo com a sociedade civil, faz bem em insistir no ensino religioso. A religião em suas mais variadas dimensões não pode ser excluída do universo da educação. É um assunto já muitas vezes tratado, não havendo aqui espaço para adentrar na matéria. De qualquer

18 Alfred MÜLLER, op. cit., p. 230.

19 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese*, São Paulo: Paulinas, 1998, p. 222s; DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DO CELAM, *Catequese na América Latina: linhas gerais de orientação*, São Paulo: Paulinas, 1986, p. 50.

maneira, também num ensino inter-religioso não vão faltar certos elementos catequéticos. As questões fundamentais do ser humano, constantes na agenda de tal disciplina, exigem posicionamentos. Ademais, o professor e a professora não poderão esconder sua identidade religiosa nem renunciar a ela. Proíbem-se, isto sim, o proselitismo e o dirigismo, como também o prevê a lei. Em contrapartida, o ensino inter-religioso poderá ser uma excelente oportunidade para o que se chama de “aprendizagem ecumênica”²⁰. Entende-se sob o termo o ensaio do respeito frente ao credo alheio em atitude dialógica. O que se pretende é mais do que a tolerância, ou então a coexistência pacífica, das religiões e culturas. Trata-se de ensaiar o diálogo, isto é, a avaliação respeitosa, e todavia criteriosa, de posições, com o objetivo de testar a solidez das mesmas. O assunto exige tratamento à parte. Mas está aí um desafio especial à catequese da Igreja. Ela deve mostrar-se apta para o diálogo inter-religioso e a humanização de um mundo plural. Cabe-lhe buscar uma alternativa ao fundamentalismo de um lado e ao relativismo de outro, ambos de efeitos extremamente nefastos para a convivência da humanidade.

O terceiro ambiente é o da própria comunidade. Desde sempre ela se engajou em promoções catequéticas, a exemplo do ensino confirmatório ou da escola dominical. Pode-se observar até mesmo uma regra: quanto maior for a perda de hegemonia da Igreja, quanto maior o grau de secularidade da sociedade, ou quanto maior a condição de minoria da Igreja num país não-cristão, tanto maior a importância de iniciativas catequéticas. Parece que a cristandade está se encaminhando a tal situação de minoria, respectivamente de diáspora, exigindo-se-lhe a renovação da catequese, incluindo a reestruturação do ministério. Para a Igreja Luterana foram relevantes as experiências sob a repressão tanto nazista quanto, mais tarde, comunista na Alemanha; o catolicismo recebeu impulsos através do Concílio Vaticano II, que tinha se proposto a meta da atualização da Igreja no mundo; na América Latina, têm sido relevantes os anos do autoritarismo militar. Ser cristão deixa de ser “natural”. E se isto é o caso, não só a missão volta a ser urgente. Também a catequese se torna prioridade.

É claro que a catequese tem ainda outros ambientes, a exemplo daqueles do lazer e do trabalho. Não pretendemos ser exaustivos. Queríamos tão-somente chamar a atenção ao fato de que a catequese de modo algum se limita à esfera escolar ou então à educação formal. Tem horizontes abrangentes.

20 Klaus WEGENAST, op. cit., col 977; veja também K. E. NIPKOW, *Verbete “Katechese I”, evang. Sicht*, in: *Ökumene Lexikon: Kirchen, Religionen, Bewegungen*, Frankfurt am Main: O. Lembeck / J. Knecht, 1983, col. 607s.

5. Aplica-se isto também aos públicos-alvo, que são distintos. Enquanto permanente, o catecumenato também será abrangente. A meta da iniciação na vida da comunidade sugere um público predominantemente jovem. E é correto dar-lhe prioridade. Entretanto, numa sociedade pluri-religiosa, urbanizada, a Igreja também deverá ter em mira, crescentemente, o membro adulto, além de categorias profissionais, segmentos sociais e outros. Eis por que a catequese será multiforme e deverá utilizar metodologias variadas. Não se identifica com “ensino escolar” nem com formação acadêmica. A redescoberta da variedade formal da catequese é pressuposto de sua renovação.

6. Dos ambientes distinguimos o contexto. Pois este é determinante para aqueles. As instituições da família, da escola e da Igreja estão inseridas todas numa mesma sociedade, com as características que lhes são peculiares. “A aprendizagem da fé acontece hoje nos horizontes da descrença”²¹. Esta é uma afirmação típica da sociedade secularizada do hemisfério norte. A catequese na América Latina se defronta com ainda outros problemas, alguns bem mais constrangedores, a exemplo da exclusão social e do desprezo à dignidade humana, tão presentes neste continente. A catequese não acontece no vácuo. Será evangélica somente se tiver sensores para o desespero e as angústias humanas. A atenção ao contexto certamente não vai alterar os objetivos da catequese, mas vai determinar-lhe os rumos, as prioridades, a metodologia. Também a catequese na IECLB terá de auscultar a realidade para ser relevante e cumprir o seu mandato.

D. Sugestões práticas

1. A catequese precisa de novos espaços na IECLB. O grau de formação teológica de muitos de seus membros estagnou no nível do ensino confirmatório. Isto é preocupante. Pois, como mera prestadora de serviços religiosos, a Igreja Luterana não vai subsistir no mercado das ofertas. Também o carismatismo, enquanto negligente com respeito ao discipulado, não passará de um fogo de palha, e muito cedo vai se apagar. A educação, mais este vez, é condição de “progresso” e “sustentabilidade”. E ela tem procura. Demonstram-no iniciativas a exemplo das Semanas da Criatividade, organizadas pelo Departamento de Catequese, ou então o “Curso Básico da Fé”. Um dos carismas da IECLB está justamente na teologia. Numa época que busca desesperadamente orientação, esse talento não deveria ser enterrado nem reservado a uma casta de profissionais. A catequese é chamada a espalhar teologia entre o povo cristão.

21 Karl HAUSCHILD, op. cit., p. 11. – A contextualidade é justo destaque da obra compilada por C. SCHNEIDER-HARPPRECHT (org.), *Teologia Prática...*, op. cit.

2. Espera-se de catequistas que acrescentem ao ministério eclesialístico a competência pedagógica, fazendo frente ao diletantismo que, por demasiadas vezes, prevalecia e ainda prevalece nesta área. Não se trata de estabelecer monopólios, e sim de buscar o aprimoramento. A já referida ordenação dos e das catequistas é, sem dúvida, um sinal de valorização da tarefa educativa na Igreja. Na Igreja Católica, a catequese é vista como “um serviço único, realizado conjuntamente pelos presbíteros, diáconos, religiosos e leigos, em comunhão com o bispo”²². Fala-se de uma pastoral dos catequistas com atuação na Igreja particular, ou seja, a diocese. O título “catequista” diz respeito a um ministério leigo, sendo o magistério eclesialístico como tal prerrogativa episcopal. Como visto acima, a Igreja Luterana tem um outro modo de exercer a autoridade eclesialística. Ainda assim, distinguindo catequistas em diversos níveis, a saber no nível básico, médio e superior²³, a prática católica é instrutiva também para luteranos. Seria trágico se toda e qualquer atividade catequética na IECLB exigisse doravante a formação superior e a ordenação. A IECLB precisa também de catequistas não ordenados, atuando na comunidade local ou em campos de trabalho congêneres. Há que se evitar uma possível elitização do ministério. É um assunto a merecer séria discussão, não para novamente questionar o estatuto do ministério ordenado, mas sim para manter a flexibilidade na prática ministerial da IECLB. De qualquer maneira, espera-se do ministério catequético ordenado que seja multiplicador do afã catequético na IECLB.

3. Novos espaços significam, entre outras coisas, novas iniciativas. Que poderá ser feito para entusiasmar as pessoas para a teologia? Seja dito de passagem que um dos principais objetivos do ensino confirmatório deverá consistir no entusiasmo e na alegria que deverá provocar. Antes de qualquer coisa, o ensino religioso e a catequese devem ser interessantes. O mesmo, aliás, vale para as prédicas, os cultos e outras atividades na comunidade. Vai aqui um desafio à criatividade dos e das catequistas. Quais seriam possíveis projetos, quem sabe temporariamente limitados, para jovens, pais, políticos ou outros? E quais os meios a serem usados? Não haveria a possibilidade de explorar melhor a Internet? E não seria recomendável aproveitar, bem melhor do que acontece, a perícia já existente entre muitos dos membros da IECLB, nos mais diversos setores? Eu passo adiante a pergunta para, quem sabe, ser acolhida e refletida. De qualquer maneira, a IECLB deverá diversificar sua oferta, inclusive a catequética.

22 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., p. 222; cf também a “Exortação Apostólica” de 1978, de JOÃO PAULO II, *A Catequese Hoje*, São Paulo: Paulinas, 1980.

23 DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DO CELAM, op. cit., p. 150s.

4. Sugiro cogitar a composição de algo semelhante a um “catecismo para adultos”. Teria por meta oferecer uma síntese da fé cristã diante dos questionamentos e dos desafios da atualidade. Existem modelos para tanto. Lançamentos respectivos na Alemanha têm mostrado a grande procura desse tipo de auxílio²⁴. São muitas as dúvidas em assuntos de fé entre os cristãos de hoje. Onde se consegue resposta? O opúsculo com o título “22 Perguntas & Respostas da Fé”²⁵, editado recentemente pela Editora Sinodal, é um bom auxílio. O projeto de um catecismo evidentemente seria bem mais ambicioso. O Departamento de Catequese, juntamente com a Secretaria de Formação, não poderiam auspicar tal iniciativa?

5. Não raro ouço dizer que os presbitérios das comunidades conhecem apenas o ministério pastoral e não abrem vaga para catequistas ou diáconos. Sugiro que o Departamento de Catequese elabore modelos de proposta de trabalho e as encaminhe aos Pastores Sinodais. Suspeito que muitas vezes as comunidades não estejam cientes das possibilidades de atuação dos catequistas. Quais são as tarefas que podem ser assumidas por titular do ministério catequético em comunidades da IECLB? Existem as tarefas tradicionais. Mas não haverá outras portas que se abrem pelo novo Estatuto do Ministério Ordenado? É claro que tais projetos mereceriam ser acertados ou até elaborados em comum acordo com os outros ministérios, principalmente o pastoral.

5. O que se deve esperar da catequese é a resposta à pergunta pelo significado da existência cristã de confissão luterana hoje. Repita-se que, para tanto, devem ser coordenadas a transmissão de tradição e o testemunho atual. Sem convicção e sem certa paixão pela causa, sem a busca da verdade a catequese não vai trazer fruto. É óbvio que essa paixão não permite atitudes impositivas ou repressivas. Mas nem mesmo a escola pública numa sociedade plural pode abrir mão do compromisso. Caso contrário, será ilusória de antemão a educação ética do cidadão e da cidadã. É essencial que esse compromisso seja assumido e vivido em abertura ecumênica, sempre com o propósito de construir uma “cultura da paz”. Mas ele não pode faltar. Pois sem “mestre” não há discipulado nem aprendizagem. E isto ninguém poderá pretender.

Gottfried Brakemeier
Rua José Neumann Filho, 120
Caixa Postal 110
95150-000 Nova Petrópolis / RS
brakemeier@terra.com.br

24 Werner JENTSCH et al., *Evangelischer Erwachsenen Katechismus – Kursbuch des Glaubens*, Gütersloh: Gerd Mohn, 1975.

25 João Artur MÜLLER DA SILVA, *22 Perguntas e Resposta da Fé*, São Leopoldo: Sinodal, 2000.